



Harry Potter e a jornada do herói: receita do sucesso das literaturas de massa

Sandra Venancio Kezen Buchaul
Mestre em Cognição e Linguagem pela UENF
IF Fluminense – *campus* Campos Guarus
kezen@iff.edu.br

Resumo

Harry Potter, antes de ser uma narrativa fantástica, é também um épico, gênero relacionado à psicologia junguiana por descrever feitos grandiosos. Não se pode creditar o sucesso dos livros exclusivamente a essa fórmula; porém, deve-se reconhecer que a apropriação de conceitos da psicologia é um recurso na busca da indústria cultural para ocupar todos os possíveis nichos do mercado. O uso do mito do herói e dos conceitos da jornada do herói serve para proporcionar a identificação com o público, mas não é uma 'receita de bolo' para toda e qualquer narrativa, embora funcione muito bem em Harry Potter.

Introdução

Desde o lançamento do primeiro volume, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, em 1997, os livros ganharam grande popularidade e sucesso comercial no mundo todo, e deram origem a filmes, videogames e muitos outros itens. Grande parte da narrativa se passa na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, e enfoca os conflitos entre Harry Potter e o bruxo maligno Lord Voldemort. Ao mesmo tempo, os livros exploram temas como amizade, ambição, escolha, preconceito, coragem, crescimento, responsabilidade moral e as complexidades da morte, e acontecem num mundo mágico com suas próprias histórias, habitantes, cultura e sociedade.

Cada livro registra um ano da vida de Harry em Hogwarts, onde ele aprende a usar magia e a cozinhar poções. Harry também aprende a ultrapassar muitos obstáculos mágicos, sociais e emocionais que enfrenta em sua adolescência e nas seguidas tentativas de ascensão de Voldemort ao poder.

Os livros de Rowling se passam nos anos 90, na Inglaterra “trouxa” (sem bruxaria) moderna, com carros, telefones e playstations. Os problemas no mundo mágico são sólidos e reais como os do nosso mundo – preconceito, depressão, ódio, sacrifício, pobreza, morte.

Um dos temas mais recorrentes ao longo da série é o amor, retratado como uma poderosa forma de magia. O diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, Albus Dumbledore, amigo e espécie de protetor de Harry, acredita que a capacidade de amar permitiu que Harry resistisse às

tentações de poder de Voldemort em seu segundo encontro, não permitiu que o vilão se apossasse do corpo de Harry em seu quinto ano, e será responsável pela derrota final de Voldemort.

Em contraste, outro tema importante é a morte. “Os meus livros abordam bastante a morte. Começam com a morte dos pais de Harry. Há a obsessão de Voldemort em derrotar a morte e conquistar a imortalidade a qualquer preço [...]. Eu percebo porque é que Voldemort quer conquistar a morte. Todos nós temos medo dela”, disse Rowling. Os livros colocam o bem contra o mal e o amor contra a morte. A perseguição de Voldemort para evitar a morte inclui episódios como beber sangue de unicórnio e separar a sua alma através do uso de “horcruxes”¹.

O próprio nome de Voldemort significa “voo da morte”, em Latim e em Francês, e “roubar a morte”, em Francês e Catalão e sua perseguição pela imortalidade contrasta com o sacrifício de Lílian Potter (mãe de Harry, que morreu para protegê-lo), o amor por Harry e a magia extraordinária que o seu gesto deixou nele, um sacrifício que Voldemort nunca poderá entender ou apreciar.

O preconceito e a discriminação são também amplamente abordados ao longo dos livros. Harry aprende que existem feiticeiros Sangue-Puro (oriundos de famílias nas quais só há bruxos) que abominam os Sangue-Ruim (bruxos de ascendência bruxa e trouxa – de não-bruxos – ou ainda bruxos que vieram de uma família só de trouxas) e os consideram inferiores. O meio-termo são os bruxos Mestiços, ou seja, que têm um dos pais trouxa (ou de família trouxa), e o outro pertencente à comunidade bruxa. Os mais preconceituosos dentro da comunidade mágica levam estas designações mais longe, utilizando-as como um sistema de graduação para ilustrar o valor de um feiticeiro, considerando os de Sangue-Puro como sendo superiores e os Sangue-Ruim (também conhecidos por “Sangue de Lama”) como desprezíveis. Fora os preconceitos em relação aos humanos, existe um afastamento dos não-humanos e até parcialmente humanos.

Outro importante tema decorre sobre as escolhas. Em *Câmara Secreta*, Dumbledore faz, talvez, sua mais importante declaração sobre o assunto: “São as nossas escolhas, Harry, que revelam o que realmente somos, muito mais do que as nossas qualidades”.

Dumbledore aborda esse tema novamente em *Cálice de Fogo*, quando diz a Cornelius Fudge que mais importante do que como se nasce, é o que a pessoa se torna ao crescer.

Assim como para muitas personagens ao longo dos livros, o que Dumbledore considera “uma escolha entre o que está certo e o que é fácil”, tem sido um marco na carreira de Harry Potter em Hogwarts e as suas escolhas estão entre as características que melhor o diferenciam de Voldemort. Tanto Harry como Voldemort foram órfãos criados em ambientes difíceis, fora o fato de partilharem características que incluem, como Dumbledore afirmou, “um raríssimo dom

¹ O que são Horcruxes - Quando alguém é morto, a alma do assassino é repartida em pedaços. *Horcrux* é um objeto no qual esse “pedaço de alma” seria inserido por magia negra. Isso garantiria uma *semi-imortalidade*, já que a destruição do corpo não mataria por inteiro, tendo-se ainda uma parte da alma conservada na *Horcrux*.

ofidioglota, sabedoria, determinação” e “um certo despreço por regras”. Contudo, Harry, ao contrário de Voldemort, decidiu conscientemente adotar a amizade, a bondade e o amor, enquanto Voldemort escolheu propositadamente rejeitá-los.

A amizade e a lealdade são talvez os temas mais recorrentes de todos, aparecendo principalmente na relação entre Harry, Ron e Hermione, relação que permite que estes assuntos se desenvolvam naturalmente à medida que os três personagens crescem, que a sua relação amadurece e que as experiências acumuladas em Hogwarts testem a fidelidade dos três amigos.

A série *Harry Potter* é traçada sob uma longa tradição na literatura infantil inglesa - o ambiente dos internatos, um gênero da era Vitoriana.

Há uma clara influência de elementos como a mitologia e as lendas. Muitas dessas influências são mais notadas nas criaturas que habitam o universo de Rowling, como por exemplo, os dragões, a fênix e os hipogrifos ². Além disso, também nota-se a influência da astronomia, história, geografia, e idiomas (principalmente Latim), frequentemente observados nos cuidadosos nomes de personagens, lugares e feitiços no mundo bruxo. Do complexo “Voldemort” ao onomatopéico “Grawp” (ou “Grove”, o meio-irmão gigante de Hagrid), Rowling cria nomes que geralmente contêm muitos significados.

O mundo mágico no qual *Harry Potter* está situado é, ao mesmo tempo, totalmente separado e intimamente ligado ao nosso. O mundo de *Harry Potter* existe juntamente com o nosso, e muitos de seus locais estão localizados em cidades reais, como Londres. O mundo dos bruxos é uma coleção de fragmentos de ruas escondidas, velhos bares, países esquecidos e castelos seculares que permanecem invisíveis para a população não-mágica (os “muggles” ou trouxas). Bruxaria é uma habilidade que vem do nascimento, e não pode ser aprendida. Mesmo assim, pessoas com dons mágicos têm de ir para escolas, como Hogwarts, para aprimorar e controlar a magia. Como a magia é uma habilidade inata, a maioria dos bruxos não está familiarizada com o mundo trouxa, que parece-lhes esquisito.

O mito do herói

O mito é considerado uma das primeiras formas de sistematizar algum conhecimento na busca de compreensão da realidade. Conjunto de narrativas permeadas de simbologias, a palavra grega *mythos* significa “história”, mas também “esquema”, “plano”. Expressando a realidade através de representações em histórias fabulosas, o mito mostra abstrações típicas da existência humana. Nas antigas civilizações, atuava como código de sabedoria empírica. Os mitólogos

² Um hipogrifo é uma criatura lendária, supostamente o fruto da união de um grifo e uma égua. Grifo é na mitologia um animal com cabeça e asas de águia e corpo de leão.

modernos veem no mito a expressão de modelos que permitem ao homem inserir-se na realidade.

Cassirer associa o mito impreterivelmente à linguagem e à realidade, ao afirmar que:

Tudo a que chamamos de mito é, (...) algo condicionado e mediado pela atividade de linguagem: é, na verdade, o resultado de uma deficiência lingüística originária, de uma debilidade inerente à linguagem. (...) Mitologia, no mais elevado sentido da palavra, significa o poder que a linguagem exerce sobre o pensamento. (CASSIRER, 1992, p. 18 – 19).

Para Junito Brandão, o mito é o relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, mediante a intervenção de entes sobrenaturais. Mircea Eliade define o mito como o relato de uma história verdadeira, ocorrida nos tempos primordiais, sob a interferência de entes sobrenaturais, em que uma realidade passou a existir, seja essa realidade total ou parcial. Portanto, o mito traz sempre a narrativa de uma criação, a partir da qual algo que não existia passou a existir. Representa, portanto, sempre algo coletivo, que, transmitido através das gerações, traz uma explicação do mundo. Desse modo, mito passa a ser a palavra *revelada*, o dito e, sendo, expresso por meio da linguagem, ele é, antes de tudo, uma palavra que circunscreve e fixa um evento “real”, mas não “histórico”. Borges destaca que:

Mais que mera palavra, (...) ele (o mito) remeteria assim para uma experiência plena de integração no mundo que convoca e compromete todas as potências do homem: o mito é sentido e vivido antes de ser inteligido e formulado. Ele é a palavra, a figura, o gesto, que circunscreve o acontecimento no coração do homem, emotivo como uma criança, antes de ser uma narração fixada. (BORGES, 2003, p. 48 – 49).

A fronteira entre tentativa de compreensão da realidade ou mesmo inserção na mesma e a expressão de algo mais primitivo e inerente à psique do indivíduo foi investigada pelo suíço Carl Gustav Jung na década de 1930. Jung sustenta que, além do inconsciente pessoal, descoberto por Freud, há uma parte mais fundamental, comum a todos os homens em todos os tempos e lugares: uma herança psicológica comum a toda a humanidade. O inconsciente conteria não apenas componentes pessoais, mas também impessoais, em forma de arquétipos - modelos. Esses arquétipos se expressam por meio de símbolos que se manifestam nos mitos de todas as tradições culturais, como metáforas de nossa realidade interna mais profunda e essencial. Jung traz assim a concepção de inconsciente coletivo, que

na qualidade de herança comum transcende todas as diferenças de cultura e de atitudes conscientes, e não consiste meramente em conteúdos capazes de se tornarem conscientes, mas em disposições latentes para reações idênticas. Assim o inconsciente coletivo é simplesmente a expressão psíquica da identidade da estrutura cerebral, independente de todas as diferenças raciais. (JUNG, 2000, p. 64).

Os mitos resultariam dessa tendência do inconsciente para projetar as suas ocorrências internas, traduzindo-as em imagens. Isso explicaria, por exemplo, porque lendas e histórias de

grupos tão distintos quanto os aborígenes da Austrália e os antigos celtas da Europa apresentariam estruturas semelhantes, obedecendo a um padrão universal. De todos os mitos, o mais conhecido é o mito do herói. Jung faz do mito do herói – vem daí a concepção de arquétipo do herói – em busca de consciência algo de grande importância e significação.

Para Jung, os arquétipos “não são disseminados apenas pela tradição, idioma ou migração. Eles podem reaparecer espontaneamente a qualquer hora, em qualquer lugar, e sem qualquer influência externa”. O arquétipo é uma tendência para formar uma imagem de caráter típico. Acredita-se que um arquétipo evoque emoções poderosas no leitor ou em espectadores porque desperta uma imagem primordial da memória inconsciente. O arquétipo do herói personificaria a parte consciente da psique.

A expressão “jornada do herói” foi cunhada pelo escritor e professor norte-americano Joseph Campbell ao constatar essas semelhanças estruturais entre os mitos de culturas distintas. Campbell ficou conhecido por seu trabalho no campo da mitologia comparada. Inspirado nos estudos de Jung, assumiu uma postura oposta à do estudo acadêmico tradicional, optando por evidenciar as semelhanças, que revelavam uma espantosa unidade entre todos os mitos. Teorizou, conseqüentemente, que todos os mitos e épicos estão ligados à psique humana. O cinema foi particularmente marcado por seu pensamento. Seu livro *O Herói das Mil Faces*, de 1949, mostra que cada herói adquire a face de sua cultura específica, mas sua jornada é sempre a mesma. É o mesmo herói que vive sempre o mesmo mito, um “monomito”. O conceito do monomito se relaciona intimamente com a concepção de inconsciente coletivo junguiano.

A jornada do herói se estruturaria em etapas bem definidas, embora não necessariamente rígidas. O herói está em casa, ambiente seguro, quando seus esforços são requisitados em alguma demanda. Geralmente hesita, mas um encontro com algum mentor o convence a embarcar na aventura por locais hostis. Nessa aventura, ele formará alianças e enfrentará inimigos, chegando a algum lugar onde enfrentará a maior das provações e invariavelmente vence. O herói é recompensado e retorna ao lar, aonde chega transformado. Nessa viagem de volta, deve trazer algo abstrato ou concreto que será de serventia ao bem comum.

O que é o herói

Para Carl G. Jung, o herói é um ser quase sobre-humano que simboliza as idéias, formas e forças que moldam ou dominam a alma. Para ele, “a figura do herói é um arquétipo que existe há tempos imemoriais”. O herói é aquele que se exaure na sua missão, vive para a sua causa. Nem deus nem humano, é intermediário entre o mundo da consciência e o inconsciente, e sua origem vem de um período em que o homem ainda não sabia que existia o mito do herói.

O herói aparece também como produto da união de um deus ou deusa com um ser humano, simbolizando a união das forças celestes e terrestres, como alega Jung “o mito universal do herói, por exemplo, refere-se sempre a um homem-deus poderoso e possante que vence o mal, apresentado na forma de dragões, serpentes, monstros, demônios, etc. e que sempre livra seu povo da destruição e da morte”. (JUNG, 1996, p. 77).

É essencialmente um arquétipo, que “nasceu” para suprimir muitas de nossas deficiências psíquicas e obedece ao mesmo perfil e modelo nas mais diferentes culturas. É o precursor (arquétipo) da humanidade em geral.

O herói é um ser transitório, uma personalidade quase mágica que nos fascina porque personifica o desejo e a figura ideal do ser humano. Ele defende a nossa causa e por isso identificamo-nos com ele. A luta heróica possibilita a superação dos medos, compensação das mágoas, humilhações e a expressão da raiva. É a transcendência dos impulsos em busca da totalidade ou “significado”.

Ele se atreve a viver a vida, em vez de fugir dela. Supera o profundo medo diante do estranho, do desconhecido e do novo. Trilha caminhos que, por um lado, tememos, mas que, por outro, percorreríamos prazerosamente em segredo: caminhos em esferas ocultas e proibidas do ser, de difícil acesso, ou seja, países estrangeiros ou galáxias distantes, fenômenos naturais incompreensíveis ou, ainda, a escuridão da nossa alma. À medida que ele não se deixa desviar do seu propósito pelas advertências de outros homens, (nem pelos seus próprios medos e sentimentos de culpa), mantendo-se aberto e disposto a aprender, capaz de suportar conflitos, frustrações, solidão e rejeição, ele adquire novos conhecimentos e realiza ações que possuem uma força transformadora, não apenas em relação a ele, mas também em relação à sociedade. Ele representa características fundamentais de que precisamos para o domínio da vida e o embate criativo com a nossa existência.

Jung também constatou essas semelhanças estruturais entre os mitos de culturas distintas, evidenciando em seus livros as similaridades que revelavam uma espantosa unidade entre todos os mitos. Teorizou, conseqüentemente, que todos os mitos e épicos estão ligados à psique humana, relacionando-se intimamente com a concepção de inconsciente coletivo. Isso explicaria grande parte do sucesso da narrativa de *Harry Potter*.

A jornada do herói

Essa “jornada do herói” é facilmente identificada e determinada em todos os livros da série de *Harry Potter*, de Joanne Kathleen Rowling. Fortemente influenciada pelas antigas histórias

britânicas de magia, ela cria um universo fantástico, com cenários extremamente propícios para que seus personagens realizem as mais extraordinárias façanhas ao longo de seus anos na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. A narrativa que subjaz a todas as outras é a de que é preciso restaurar a paz e a justiça, que foram alteradas com a volta de Lord Voldemort. Este é o principal conflito de todas as tramas, nas quais Harry e seus amigos Ron e Hermione, juntos, representam as chamadas forças do “Bem”, que vão lutar contra Voldemort, o elemento representativo do “Mal”.

As adversidades que deverão ser enfrentadas pelo herói seguem, praticamente, as mesmas etapas estruturais observadas e descritas por Jung e, posteriormente, por Campbell. Aqui, vamos nos limitar à jornada de *Harry Potter*, escolhido para a sobre-humana tarefa de derrotar aquele-que-não-deve-ser-nomeado (Voldemort). É uma jornada do herói particular, não-convencional e por isso foi escolhida. É peculiar porque o herói em questão é composto por um menino de físico ainda frágil, mas de enorme força interior. Sua vontade caminha sempre para o mesmo propósito – fazer o bem.

Para entender a especificidade dessa “jornada do herói”, deve-se primeiro compreender a essência da história de Harry. Menino órfão de pai e mãe, afastamento esse que remete ao arquétipo da iniciação segundo Jung, cujos pais morreram para salvá-lo do mais poderoso bruxo de todos os tempos, deixando-lhe como herança seus poderes mágicos e o maior aliado possível: um amor incondicional, capaz de sobreviver ao tempo e à morte, ele nasceu bruxo. Ele não escolheu enfrentar Voldemort, antes, foi por este escolhido porque não morrera na tentativa de assassinato em que o poderoso bruxo conseguira matar seus pais, Lílian e James Potter. Incapaz de entender o gesto dos pais do menino, não percebendo que fora precisamente o amor dos pais que o protegera, e que essa seria sempre sua maior arma para combater o mal, Voldemort voltará a tentar matar o jovem mago diversas vezes, sendo derrotado de uma vez por todas somente ao final do sétimo livro. Harry não é alto ou forte como o herói tradicional de outras histórias, o que o faz originalmente incompleto para a missão. Em princípio ele apenas tem um motivo real para lutar com Voldemort: a vingança pela morte de seus pais. Mas com o tempo, percebe que a derrota de Voldemort vai muito além de uma vingança: seria a restauração da paz e da justiça no mundo da magia. Ele sabe que precisa fazer algo, mas ao mesmo tempo reconhece que é incapaz de fazer isso sozinho. Inicialmente, será auxiliado pelos amigos Ron e Hermione, concretizando o arquétipo dos amigos fieis, a quem logo se juntam grandes mentores, como o Professor Albus Dumbledore, diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, aqui representando a poderosa figura tutelar que, segundo Jung, lhe permitiria realizar tarefas que lhe seriam impossíveis de executar sozinho, e Hagrid, seu fiel protetor, além de tantos outros em suas diferentes jornadas.

Paradoxalmente, a escola de bruxos é, ao mesmo tempo, a sua casa, seu lugar seguro, sendo também onde acontecem suas maiores aventuras.

Harry, o herói arquetípico que está sendo descrito aqui, é detentor de poderes que nem ele mesmo imagina. Conhecido e admirado por todos por ter sobrevivido ao ataque mortal de Voldemort, em que seus pais sucumbiram, ele é ingênuo e puro de coração. Carrega uma melancolia devido aos anos de solidão vividos em “família” na casa de seus tios, Walter e Petunia Dursley e seu primo Dudley, que o desprezam pelo simples fato de que ele é bruxo. Ele não sabe que é um bruxo, embora tenha a intuição de que é diferente da maioria das pessoas. Já no trem para Hogwarts ele se dá conta do respeito que todos têm por ele e fica abismado, pois não se acha superior a ninguém, sendo a modéstia uma de suas principais características. Quando da compra de sua varinha, o dono da loja diz que na verdade é a varinha que escolhe o dono, e não o contrário e sugere algumas delas para que Harry as teste. O próprio dono fica admirado ao ver que a varinha que serve a Harry é semelhante à usada por Voldemort e, quando a poderosa vareta atende ao gesto mágico de Harry, percebe que está diante de um grande bruxo e o reverencia, olhado por pessoas do lado de fora, que também reconhecem seu poder. Ainda assim, Harry não acredita em sua força. Precisa, portanto, da ajuda dos amigos e mentores, confirmando, mais uma vez, o uso dos arquétipos em sua narrativa épica.

Mesmo sendo bom e solidário, Harry precisa de seus amigos para se ver como verdadeiro bruxo, capaz de aceitar os desafios que tem pela frente. Ele muitas vezes duvida de si mesmo e deve-se ressaltar que suas incursões por esse seu lado mais sombrio o tornam mais humano – nem idealizado, nem perfeito como o herói tradicional – e conseqüentemente mais próximo do público, e, por isso, ainda mais cativante.

As maquinações de Voldemort para matar Harry são uma fonte constante de problemas. A saudade que Harry tem de seus pais também cria problemas para ele. Nesse caso, uma parte do próprio herói provoca situações conflituosas porque essas situações são necessárias no processo de auto-conhecimento empreendido na jornada, segundo Jung.

Ao final das narrativas o herói está mudado. Ele traz experiência, sob forma de lição, como as antigas fábulas, para si mesmo e para a comunidade que protegera do conflito. As marcas da jornada estavam impressas nele, que não quer ser considerado um herói. Essa recusa é uma característica do feito heróico: abandonar coisas que lhe são caras em favor de um bem maior e da coletividade. A compensação para suas perdas é o fato de ver Hogwarts a salvo.

Esse é o fim da jornada do herói, seguindo o padrão estudado por Jung e Campbell, embora a construção do herói tenha sido ligeiramente modificada nesse mito. Isso poderia explicar o fascínio exercido sobre indivíduos das mais diversas culturas que, de certa forma, veem no arquétipo do herói em *Harry Potter* uma projeção de seu próprio inconsciente. O próprio modo como a autora explora essas características dos personagens seria uma forma de falar ao inconsciente coletivo.

Harry Potter, antes de ser um filme de fantasia, é também e principalmente um épico, um filme de gênero. O gênero épico, mais ainda que os outros, é por excelência um filho da psicologia junguiana porque envolve invariavelmente feitos grandiosos e heróicos. Naturalmente, seria reducionismo atribuir o sucesso de uma série de livros exclusivamente a essa fórmula; porém, deve-se reconhecer que se apropriar de conceitos da psicologia é um recurso na busca da indústria cultural para ocupar todos os nichos possíveis e obter cada vez mais mercado. O uso do mito do herói, que serve para proporcionar a identificação com o público, não é uma ‘receita de bolo’ para toda e qualquer narrativa, embora em *Harry Potter* essa receita funcione muito bem.

Aqui está o esquema de *A jornada do herói*, de acordo com Vogler, segundo Joseph Campbell, no qual encaixaremos a narrativa de *Harry Potter e a pedra filosofal*:

1. O mundo comum: a vida de Harry com a família.
2. Chamado à aventura: cartas de Hogwarts a Harry.
3. Recusa do chamado: não parte de Harry, mas de seus tios.
4. Encontro com o mentor: Harry conhece Dumbledore em Hogwarts.
5. Travessia do primeiro limiar: o encontro com Voldemort na floresta.
6. Testes, aliados e inimigos: são as aventuras vividas por Harry, Ron Weasley e Hermione Granger, os aliados são os amigos, a família de Ron, alguns professores, os inimigos são os Malfoy e Voldemort.
7. Aproximação da caverna oculta: a luta acontece em Hogwarts, no subsolo, abaixo do alçapão guardado pelo cão de três cabeças.
8. A provação suprema: a luta com Voldemort.
9. Recompensa: a vitória sobre Voldemort.
10. Caminho de volta: ele é encontrado por Dumbledore.
11. Ressurreição: ele se recupera bem da batalha contra o mal.

12. Retorno com o elixir: Harry recupera a pedra, que é destruída por Dumbledore.

Referências

BORGES, Paulo A. E. Imaginário e mitologia. In: ARAÚJO, Alberto Felipe; BAPTISTA, Fernando Paulo (Coords.). *Variações sobre o imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CAMPBELL, Joseph. *The hero with a thousand faces*. Bollingen Series XVII. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1968.

CASSIRER, Ernest. *Linguagem e mito*. Trad. J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1996.

_____. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Dora Mariana R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. *O homem e seus símbolos*. São Paulo: Nova Fronteira, 1996.

_____. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. *Harry Potter e a câmara secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. *Harry Potter e o cálice de fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. *Harry Potter e a ordem da fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. *Harry Potter e o enigma do príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor*. Rio de Janeiro: Ampersand Editora, 1997.